



## O OUTRO QUE ME OLHA: UMA APRESENTAÇÃO AO ENSAIO ORFEU NEGRO DE JEAN-PAUL SARTRE

Thiago Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa constituir chave de leitura ao ensaio de Jean-Paul Sartre *Orfeu Negro* (1948). Muito se falou do célebre ensaio do filósofo francês acerca do racismo, no entanto algo que certamente está presente na leitura sartriana, e que foi negligenciado, é o lugar do olhar enquanto elemento de constituição da identidade – categoria central ao existencialismo. De tal modo que buscou-se aqui estabelecer o papel do referido conceito no decurso histórico em que se constitui as análises de Sartre e suas implicações para a leitura do problema objetivado pelo filósofo.

**Palavras-chave:** olhar; identidade; negritude; existencialismo; filosofia.

### THE OTHER THAT LOOK AT ME: AN INTRODUCTION TO THE ASSAY BLACK ORFEU FROM JEAN-PAUL SARTRE

**Abstract:** This article aims to be reading key to the essay of Jean-Paul Sartre *Black Orpheus* (1948). Much has been said of the famous essay by the French philosopher about racism, but something that is certainly present in Sartre's reading, and that was neglected is the place of the look as an element of identity - central category to existentialism. Such a way that we tried to establish here the role of the concept in the historical course that were constituted the Sartre's analyzes and its implications for the reading of the objectified problem by the philosopher.

**Keywords:** look; identity; blackness; existentialism; philosophy.

### AUTRES QUE ME REGARD: UNE PRÉSENTATION À L'ESSAI ORPHÉE NOIR DE JEAN-PAUL SARTRE

**Résumé:** Cet article vise constituer clé de lecture au essai de Jean-Paul Sartre *Orphée Noir* (1948). On a beaucoup parlé du célèbre essai du philosophe français sur le racisme, mais aucun quelque chose qui certainement est présente dans la lecture de Sartre, et qui a été négligé est le lieu du regarder comme élément de constitution de l'identité - catégorie centrale à l'existentialisme. Alors que on a cherché ici établir le rôle du référé concept dans le cadre historique en que se constitue les analyses de Sartre et ses implications pour la lecture du problème objectivée par le philosophe.

**Mots-clés:** regarder; identité; négritude; existencialisme; philosophie.

### EL OTRO QUE ME MIRA: UNA PRESENTACIÓN AL ENSAYO ORFEU NEGRO DE JEAN-PAUL SARTRE

**Resumen:** El presente artículo visa constituir clave de lectura al ensayo de Jean-Paul Sartre *Orfeu Negro* (1948). Fue un célebre ensayo del filósofo francés, y bastante comentado acerca del racismo, pero algo que ciertamente está presente en la lectura sartriana, y que fue ignorado, es el lugar de la mirada mientras elemento de constitución de la identidad – categoría central al

<sup>1</sup> Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Professor e coordenador do curso de Pós Graduação em Filosofia e Pensamento Político Contemporâneos do Centro Universitário Assunção – UniFAI – SP.



existencialismo. De tal modo que se buscó en este momento establecer el papel del referido concepto en el decurso histórico en que se constituí el análisis de Sartre y sus implicaciones para la lectura del problema objetivado por el filósofo.

**Palabras-clave:** mirada; identidad; negritud; existencialismo; filosofía.

### ORFEU, O DEUS DA MÚSICA

O fio condutor dessa exposição é o ensaio bastante célebre de Jean-Paul Sartre intitulado Orfeu Negro, nesse texto, que foi redigido como introdução à Antologia da Nova Poesia Negra e Malgache [*Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*], o filósofo realiza uma reflexão acerca da questão do racismo.<sup>2</sup>

É importante, primeiramente, localizarmos o ensaio em seu contexto histórico. Trata-se de um texto publicado originalmente em 1948, por isso alguns dos elementos utilizados pelo filósofo talvez já não tenham a mesma validade hoje. Lembremos, a título de exemplo, das críticas de Franz Fanon à ideia de uma identidade que ignorasse a dimensão subjetiva implicada em determinado contexto histórico. No entanto, nesse sentido ainda, é relevante destacar a situação histórica em que o ensaio é escrito, pois é quando o autor se aproxima das teorias marxistas e da filosofia da história. Como o próprio Sartre insiste em *Questão de Método* (1960) “o marxismo constitui a filosofia insuperável do nosso tempo” e o existencialismo seria uma espécie de ideologia necessária ao marxismo, o que ressalta a referida dimensão histórica. E por que isso? Porque Sartre entende que em Marx há um lugar demarcado, específico e fundante reservado à subjetividade humana e que, no entanto, os interpretes do filósofo alemão em sua maioria haveriam negligenciado.

A partir desses pressupostos tentaremos destacar alguns pontos e lançar uma breve reflexão, mas, evidentemente, sem a pretensão de esgotar o texto, visto que se trata de um ensaio no qual diversos elementos subjacentes poderiam servir de mote à outras reflexões. Destacaremos, portanto, o lugar do olhar na constituição da identidade que, como veremos, constitui elemento central para a compreensão do ensaio.

Dentro desse contexto Sartre vê a poesia negra como “a única grande poesia revolucionária” (Sartre, 1968, p. 93) do seu tempo e que, portanto, representaria a possibilidade de realização do processo revolucionário. Assim, se existe um processo

---

<sup>2</sup> Evidentemente o conceito de raça aqui não é oriundo das teorias biológicas, pois, como sabemos, ele não se sustenta, pensamos aqui, como bem nos alerta Kabengele Munanga, no sentido político-ideológico que esta concepção acarreta.



revolucionário em curso, tal como apregoa sua interpretação do marxismo, ou, ao menos, a possibilidade de que aconteça a revolução, então o movimento negro seria fundamental para que isso acontecesse. Nesse sentido, no que tange a questão racial, a cultura branca sempre subjugou a negra, assim, dentro do processo dialético, o movimento negro constituiria o momento de negação, no qual a síntese seria a realização histórica em que não mais seria necessário trabalhar em termos de um dualismo reducionista. No entanto, ainda não vivemos este momento.

Os negros, tal como o trabalhador branco, são vítimas de uma estrutura social excludente, mas, para o negro esse processo é mais violento, visto que mesmo entre os trabalhadores sua condição é periférica. É nesse sentido que surge uma passagem bastante citada do ensaio – inclusive pelo prof. Kabengele Munanga, que constitui uma das referências que compõe esta reflexão –, no qual Sartre diz que ao negro é necessário viver sua condição autenticamente, pois, nas palavras do filósofo, o negro “está encurralado na autenticidade”. Assim, se o judeu (que é um conceito racial forjado) pode negar sua condição, “declarar-se homem entre os homens”, ao negro<sup>3</sup> essa escolha está vetada, (Sartre, 1968, p. 94) pois sua condição está estampada em seu rosto.

Cabe destacar, e aqui há uma interlocução com o conceito de diáspora, que “a alma negra passou pelas escolas brancas”, assim, por consequência, “a alma negra é uma África da qual o preto está exilado no meio dos frios *buildings* da cultura e da técnica brancas” (*Ibidem*, p. 96-97). Cabe ao negro afirmar sua cultura em meio à uma cultura alheia, mas que também é a sua, é nesta tensão, portanto, que a cultura negra precisa construir sua identidade.

Desse modo, se historicamente a cultura branca se sobrepôs à cultura negra, subjugando povos num dos momentos mais trágicos e violentos da história, para Sartre é chegada a hora da consciência negra (*Ibidem*, p. 118)<sup>4</sup> se afirmar enquanto subjetividade negra, em outras palavras é necessário falar “em certa qualidade comum aos pensamentos e às condutas dos negros, que se chama a **negritude**” (*Ibidem*, p. 95).

Nesse sentido as palavras do filósofo francês vem ao encontro de Aimé Césaire, que define a Negritude como “la conscience d’être noir, simple reconnaissance d’un fait qui implique acceptation, prise en charge de son destin de noir, de son histoire, de sa

---

<sup>3</sup> “Muitos dizem que não dá para saber quem é negro no Brasil, na realidade não dá para saber quem é branco, porque quem é preto não tem como esconder”.

<sup>4</sup> O próprio Sartre se utiliza deste termo.



culture; elle est affirmation d'une identité, d'une solidarité, d'une fidélité à un ensemble de valeurs noires" (Césaire *apud* Leiner, 1981, s/p).

"Me devolvam minhas bonecas pretas quero com elas brincar" diz o poeta, pois "quando chegou a hora do desenraizamento... // eles arrombaram o espaço que era meu." Ao poeta negro, portanto, compete transcender as "muralhas da cultura branca" (Sartre, 1968, p. 97) e afirmar sua negritude. A interlocução aqui, se reportarmos essa discussão ao contexto atual, é com as políticas afirmativas, daí a importância das leis 10.639 e 11.645. Trata-se, então, de buscar instrumentos que viabilizem e garantam o direito de afirmação da cultura negra.

Nesse ponto Sartre chama a atenção para o fato de que se trata de uma coletânea de poesia negra, mas escrita em francês... Entretanto, como foi dito, é "necessário romper as muralhas da cultura-prisão". É preciso a partir do "aparelho de pensar do inimigo", a língua francesa, expressar os valores da cultura negra. Novamente as palavras do poeta vem nos auxiliar: "quem esta dor alcança, // este meu desespero sem igual // de domar com palavras só de França // meu coração que veio do Senegal" (*Ibidem*, p. 99).

Sabemos que "os traços específicos de uma Sociedade correspondem exatamente às locuções intraduzíveis de sua linguagem" (*Ibidem*, p. 98). No entanto Sartre ressalta que a poesia é capaz de dizer o indizível, pois só podemos expressar o Ser através do silêncio, daí a necessidade de se expressar através da poesia, que é também social. Assim, "já que não podemos nos calar, é preciso fazer silêncio com a linguagem" (Sartre, 1968, p. 101), por isso a subversão da língua implicada na criação poética. Compreendemos as palavras de Léopold Sedar Senghor, quando diz: "o que constitui [...] a negritude de um poema, é menos o tema do que o estilo, que transmuta a palavra em verbo" (*Ibidem*, p. 110). Assim, segundo Sartre, a poesia negra de expressão francesa seria capaz de expressar a negritude ao subverter a linguagem.

E como o francês carece de termos e conceitos para definir a negritude e como a negritude é silêncio, usarão para evoca-la "palavras alusivas, jamais diretas, que se reduzem a igual silêncio". Curtos-circuitos da linguagem: atrás da queda inflamada das palavras, entrevemos um grande ídolo negro e mudo (*Ibidem*, p. 101).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Lembrando que aqui Sartre faz referência à Mallarmé.



Aqui cabe um alerta antes de avançarmos na argumentação, pois esta apropriação da cultura branca traz intrínseca a hierarquização que “consagra a prioridade do branco sobre o negro”. Transvestido em expressões como “branco como a neve”, para expressar inocência; e tantas outras expressões tão conhecidas da tradição ocidental. Isso para não falarmos das expressões pejorativas que reforçam o discurso racista. Desse modo, portanto, “trata-se de morrer para a cultura branca a fim de renascer para a alma negra” (*Ibidem*, p. 104). Daí, se novamente buscarmos atualizar essa discussão, a interlocução e a importância de se desmistificar a ideologia da democracia racial presente nas leituras do pensamento de Gilberto Freyre e tão bem denunciadas por Kabengele Munanga, dentre outros, como Florestan Fernandes, por exemplo. Assim, aquilo que muitas vezes chamamos de diversidade étnico-racial, outras tantas vezes, nada mais é do que a expressão de um racismo velado e extremamente violento.

Ora, se é necessário ao negro afirmar sua cultura através de sua negritude, então é preciso encontrar elementos identitários que possam respaldar ações afirmativas inseridas na tradição ocidental.<sup>6</sup>

Sem esquecer o risco de recair numa leitura reducionista e caricata, talvez pudéssemos nos remeter aqui ao alerta nietzschiano de que o acidente teria negligenciado sua dimensão mais importante, a pulsional. Entendemos assim, porque Sartre afirma que, enquanto o branco instrumentaliza a natureza, “a negritude, ao invés, é uma compreensão por simpatia” (Sartre, 1968, p. 112). Não parece um abuso aproximar esta afirmação ao primado da espontaneidade requerido por Nietzsche ao criticar a tradição ocidental:

---

<sup>6</sup> Aqui se faz necessário uma nota sobre o substrato ideológico que a ideia de identidade acarreta. Vejamos o que diz Arnaldo Rosa Vianna Neto num interessante artigo sobre Aimé Césaire: “Para inibir a ameaça da pulverização cultural, o colonizado corre o risco de se refugiar na prática obsessiva da reconstituição de uma identidade supostamente estável, fixa, imóvel, quando a dinamicidade complexa é que deveria constituir o jogo necessário para a distinção entre alteridade e diferença. O discurso pós-colonial supõe o bloqueio das raízes únicas para que aflorem estratégias alternativas de representação cultural onde se articulam as diferenças históricas e os valores em construção. Nesse sentido, talvez se recupere uma ordem identitária de representações etho-etnoculturais onde se expressam matrizes que, embora contaminadas pelo processo de assimilação colonial, possibilitam a afirmação da alteridade na diferença, cujo paradigma foi aberto por Frantz Fanon, Aimé Césaire e Léopold Senghor como resposta identitária étnica ao excludente universalismo colonialista. A partir daí, seria necessário articularem-se diferenciais históricos inseridos no âmbito de construtos culturais, conceitos de nacionalidade, comunidade, cidadania e éticas de afiliação social, à problemática da alteridade inscrita no âmbito de *um* logos complexo não como diferença, mas como possibilidade de convivência. A fetichização da diferença, ignorando o entre-lugar da subjetividade pós-colonial onde se evidencia a permanência do outro, a falta, a perda, a não coincidência dos sujeitos, exacerba o racismo e provoca a obsessão da identidade”, p. 2.



Todo nosso mundo moderno está preso na rede da civilização alexandrina e **conhece como ideal o homem teórico**, equipado com os máximos poderes de conhecimento, trabalhando a serviço da ciência, cujo protótipo e ancestral é Sócrates. Todos os nossos meios de educação têm em vista, primordialmente, esse ideal. [...] (Nietzsche, 1978, p. 17 e 18, §18. Grifo nosso).

Sartre atribui esse caráter espontâneo e intuitivo da poesia negra a sua dimensão telúrica, que pretendemos aproximar aqui da tipologia nietzschiana da tensão entre o apolíneo e o dionisíaco. Em outras palavras, a dimensão apolínea representa, para Nietzsche, a forma, os limites apregoados pelo *lógos* racional; por outro lado, o dionisíaco abarcaria a esfera embriagante da desmedida [*hybris*], sua dimensão intuitiva e espontânea. Fica patente que, para o filósofo alemão, teríamos negligenciado esta última dimensão.

Atentemos para a belíssima passagem do ensaio de Sartre no qual aparece o referido caráter telúrico. Lembrando que se trata de encontrar raízes capazes de oferecer um solo comum, uma unidade identitária. Diz Sartre:

[...] o negro continua sendo o grande macho da terra, o esperma do mundo. Sua existência é a grande paciência vegetal; seu labor é a repetição de ano em ano do coito sagrado. Criador, é nutrido porque cria. Lavar, plantar, comer, é fazer o amor com a natureza. O panteísmo sexual destes poetas é sem dúvida o que mais impressiona, de início: por aí é que chegam às danças e aos ritos fálicos dos negros-africanos (Sartre, 1968, p. 113).

Se voltarmos a Nietzsche, agora mediados por Sartre, veremos que, se a história atesta o sofrimento dos negros colonizados, “tal fecundidade, por sua exuberância, ultrapassa a dor, afogando-a em sua abundância criadora que é poesia, amor e dança” (*Ibidem*, p. 116). Assim, não é gratuitamente que o blues é negro, que o jazz é negro, que o samba é negro. Não foi em vão que a música fascinou o poeta branco a ponto de fazê-lo escrever Orfeu da Conceição. “Com efeito”, diz Sartre, “é o ritmo que cimenta estes múltiplos aspectos da alma negra, é ele que comunica sua ligeireza nietzschiana e estas pesadas intuições dionisíacas, é o ritmo-tantã, jazz, salto deste poema – que figura a temporalidade da existência negra” (Sartre, 1968, p. 116).

Lembremo-nos aqui a título de exemplo e para concluir, que diversos historiadores da música, como Eric Hobsbawm em *História Social do Jazz* e José



Miguel Wisnik em *O Som e o Sentido*, são unânimes em afirmar o caráter fundante da cultura negra para o desenvolvimento da música no ocidente.

### AQUELE QUE ME VÊ

Trata-se neste segundo momento de desvelar a dimensão intersubjetiva implicada na referida constituição da subjetividade. Mais especificamente, se trata de entender qual o papel do olhar enquanto elemento de constituição da subjetividade humana para Sartre. No contexto do ensaio: o que representa o olhar na relação entre brancos e negros na constituição da subjetividade, e, portanto, da identidade?

Cabe uma remissão as palavras do autor. Embora longa, a citação se justifica pois será central para toda a exposição que compõe esta segunda parte.<sup>7</sup>

O que vocês esperavam que acontecesse quando tiraram a mordaca que tapava essas bocas negras? Esperavam que elas lhes lançassem louvores? E essas cabeças que seus avós e seus pais haviam dobrado à força até o chão? O que esperavam? Que se reerguessem com adoração nos olhos? Ei-los em pé. Homens que nos olham. Ei-los em pé. Faço votos para que vocês sintam como eu a comoção de ser visto. // Pois o branco desfrutou durante três mil anos o privilégio de ver sem ser visto; era puro olhar, a luz de seus olhos subtraía todas as coisas da sombra natal, a brancura da sua pele também era um olhar, de luz condensada. O homem branco, branco porque era homem, branco como o dia, como a verdade, branco como a virtude, iluminava a criação qual uma tocha, desvelava a essência secreta e branca dos seres // Hoje, esses homens pretos nos miram e nosso olhar reentra em nossos olhos. Tochas negras iluminam o mundo e nossas cabeças brancas não passam de pequenas luminárias balançadas pelo vento (Sartre, 1968, p. 89).

Destarte é imperativo realizarmos uma breve digressão às categorias sartrianas que se desvelam por entre as palavras do texto. Se queremos entender o papel do olhar enquanto constituinte da identidade humana, precisamos, mesmo que rapidamente, explicitar alguns dos conceitos que fundamentam esta relação para o filósofo.<sup>8</sup>

A partir de sua ontologia fenomenológica, Sartre entende a consciência como um processo de movimento temporal de auto-constituição historicamente situado (lançado no mundo), e essa dimensão histórica não deve ser negligenciada. Muito se

<sup>7</sup> Optou-se pela tradução própria, pois a tradução disponível é demasiadamente formal; isso decorre do uso do pronome de tratamento *vous*, que configura uma especificidade do francês; entendemos que a opção do tradutor pela terceira pessoa do plural prejudica a leitura em português.

<sup>8</sup> Antes de prosseguirmos é importante lembrar que, embora este texto pertença a um momento da obra em que Sartre se aproxima do marxismo, acreditamos que seus pressupostos onto-fenomenológicos (1943) nunca o abandonam, logo esta breve remissão aos conceitos desse período se justificam.



fala da liberdade sartriana, mas, na maioria das vezes, se superestima aquilo que chamamos da dimensão transcendente, e com isso, negligencia-se o seu correlato necessário que é a dimensão imanente. Ou seja, se há a transcendência, se há a liberdade da consciência que se auto-constitui e constitui o processo histórico que a engendra, isso se dá, sempre, historicamente situado. É bastante representativa para explicitar essa ideia a célebre provocação sartriana, ao afirmar que “nunca fomos tão livres do que sob a Ocupação alemã” (Sartre, 2014, p. 1). Em outras palavras, embora Sartre lance o acento na dimensão transcendente, não podemos nos esquecer que é justamente a dimensão imanente que possibilita o exercício da requerida liberdade, isto é, apenas porque estamos lançados num contexto histórico dado (contingente) é que podemos nos libertar dele. Assim, diz Sartre em sua emblemática e polêmica máxima, "o importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós".

Desse modo, a constituição da minha subjetividade está implicada dentro de um processo que a ultrapassa, pois historicamente situada, mas que simultaneamente é constituído por ela. É dentro desse contexto que devemos entender o que Sartre diz sobre o olhar. Porquanto, para o filósofo, se sou puro processo de auto-constituição lançado no mundo, eu nunca sou em sentido forte, sou um projeto de auto-constituição, mas que nunca se realiza. O que caracteriza o homem (para-si), portanto, é ser ao modo do não-ser. Em outras palavras, a história faz o homem na exata medida em que o homem faz a história, de tal modo que não devemos negligenciar a dimensão imanente implicada neste processo, é a partir de determinado contexto histórico, que independe de mim, que me constituo e contribuo para a constituição da história.

Como podemos falar em identidade então? O que me constitui, o que constrói minha identidade, é o olhar do outro, mesmo que de forma precária porque o homem (para-si) nunca é (em-si), ou seja, o homem é na medida em que se escolhe, e apenas enquanto se escolhe, logo, ele é enquanto processo. Por exemplo, os objetos possuem uma essência que os definem, portanto eles são em sentido forte. Uma cadeira é uma cadeira, porque há algo nela que faz com que em-si mesma ela seja aquilo e não outra coisa. Enquanto que para o homem, para que ele seja alguma coisa, é preciso que sempre se reafirme naquilo que ele é. Por exemplo, o que faz um professor de filosofia é lecionar esta matéria, assim ele se vê professor de filosofia mediado pelo olhar do outro que o vê professor de filosofia. Mas é possível que amanhã ele sofra um acidente e fique



impossibilitado de ministrar aulas e deixe de ser professor. Daí o sentido da famosa máxima existencialista de que “a existência precede a essência” (Sartre, 1978, p. 5). Ou seja, embora condicionado o homem jamais é determinado ao modo de um objeto, sua essência depende de sua existência. E é o olhar do outro que me concede identidade.

Assim, é apenas através do olhar do outro que o homem adquire uma dimensão objetiva. Se queremos definir o que é um homem, sua identidade, precisamos considerar essas dimensões: o contexto histórico (objetivo); o processo de auto-constituição (subjetivo); e o encontro com o outro (intersubjetivo).

O que Sartre faz aqui é inverter a perspectiva da experiência com o outro, mais do que “aquele que é visto por mim”, o outro torna-se “aquele que me vê”. Por isso, nessa dimensão, ser visto pelo olhar do outro me condiciona e é por mim condicionado. Assim essa dimensão objetiva que o olhar do outro me concede me faz “existir sob o olhar do outro”. Por fim, para retornarmos ao ensaio em questão, “a aparição do Outro e a consciência de ‘ser visto’ provocam uma brusca modificação no [homem] para-si. Como que ‘arrancado’ para fora, o [homem] para-si adquire uma dimensão de exterioridade e passa a situar-se no mundo” (Perdigão, 1995, p. 142). Em outras palavras, é apenas mediado pelo olhar do outro que posso me reconhecer objetivamente, ao modo dos objetos.

Estamos prontos, finalmente, para compreender a passagem referenciada no início. Com estes pressupostos em mente, diz Sartre, “nossa brancura nos parece um estranho verniz pálido que impede nossa pele de respirar, uma malha branca de ballet” (Sartre, 1968, p. 90). Assim nossa identidade se desvela, sobretudo se aquele que é olhado “nos olha nos olhos”, se aquele que é olhado abandona os “olhos domésticos dos africanos”, e assim, se “outrora éramos europeus por direito divino”, “somos agora roídos até os ossos por estes olhos tranquilos e corrosivos” (*Ibidem*, p. 91). O filósofo francês se reporta, evidentemente, ao seu contexto histórico e a sua condição, de homem branco e europeu, e com isso explicita o papel da poesia negra no movimento dialético, isto é, de se constituir como antítese do modelo burguês, instaurando assim a mola propulsora do processo histórico.

Daí Sartre falar em vergonha, que nada mais é do que o modo como apareço para o outro. Ora, se não sou visto pelo outro, não sou capaz de me apreender como um “ser vergonhoso”. Então, com efeito, para obter uma verdade objetiva sobre mim,



preciso do outro. “O outro é o intermediário indispensável de mim a mim mesmo” (Perdigão, 1995, p. 143).<sup>9</sup>

Desse modo, se reinserimos essa passagem no contexto histórico, compreendemos melhor o sentido que Sartre atribui àquilo que Aimé Césaire definiu como negritude. Assim, se “o branco desfrutou durante três mil anos o privilégio de ver sem que o vissem” (Sartre, 1968, p. 89), agora ele é obrigado a se ver refletido no olhar do outro. “Ei-los em pé. Homens que nos olham. Ei-los em pé. Faço votos para que vocês sintam como eu a comoção de ser visto”. Percebemos então a importância histórica que Sartre atribui ao movimento negro ao postulá-lo como espelho crítico necessário ao processo dialético.

Evidentemente tomamos como certos alguns pressupostos teóricos de Sartre que poderiam ser problematizados, como sua concepção marxista da história por exemplo, no entanto nosso objetivo era justamente explicitar a importância do *corpus* teórico do autor na análise do seu contexto histórico e isso no que tange ao movimento negro, mais especificamente na redação do ensaio Orfeu Negro. De tal modo que optamos por manter parte deste referencial conceitual implícito nas análises.

E para concluir, não seria um abuso uma menção à crítica sartriana a ideia de universalidade abstrata. Assim, em termos marxistas, o ponto de vista da universalidade abstrata requerido pelo discurso da consciência humana, que muitas vezes é utilizado como contraponto à afirmação da consciência negra, fez sentido quando da revolução francesa, no qual o escritor burguês escrevia ao burguês, assim a igualdade de classe justificava o discurso iluminista, posto que ideológico. Em uma sociedade desigual o discurso da igualdade só dissimula a exploração, nesse sentido a poesia negra ganha destaque por desvelar a injustiça. Por retirar o véu que encobre a exploração do homem pelo homem, por tornar público aquilo que tanto se fez para velar. Por fazer com que o olhar etnocêntrico europeu reentre em seus próprios olhos. Por fim, enquanto houver divisão de classes, enquanto houver explorado e explorador, será necessário falarmos em uma consciência negra.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>9</sup> É justamente nesse sentido também que devemos compreender a famosa passagem de Huis Clos, “o inferno são os outros”.

HOBBSAWM, Eric J. *História Social do Jazz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LEINER, Jacqueline. *Négritude caraïbe Négritude africaine*. Rio de Janeiro, Elos n° 3, 1981.

MUNANGA, Kabengele. *REVISTA USP*, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

\_\_\_\_\_. *Da África ao Brasil Entrevista com o Prof. Kabengele Munanga. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades*. Disponível em: [http://www.ceert.org.br/images/KabengeleMunanga\\_Revista%20de%20Antropologia%20USP\\_nov%202013.pdf](http://www.ceert.org.br/images/KabengeleMunanga_Revista%20de%20Antropologia%20USP_nov%202013.pdf) Último acesso: 20/11/2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 2ª Ed. (Col. Os Pensadores).

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade: Introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&P.M., 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943.

\_\_\_\_\_. *A transcendência do Ego. Seguido de Consciência de Si e Conhecimento de Si*. Tradução e Introdução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

\_\_\_\_\_. *La transcendance de l'Ego*. Paris: Vrin, 2003.

\_\_\_\_\_. *Entre Quatro Paredes*. Trad. de Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução e notas de Vergílio Ferreira; Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Questão de Método*. Trad. de Bento Prado Jr. Sel. José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

\_\_\_\_\_. *La République du Silence, in: Revista Literatura e Sociedade / Linguagem e Sociedade*, n° 1, vol. 6 (2014).

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido. Uma outra história das músicas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

VIANNA NETO. Armando Rosa. *A Négritude de Aimé Césaire. Conserveries Mémoires: revue transdisciplinaire de jenes chercheurs*. Disponível em: <http://cm.revues.org/133?lang=en> Último acesso: 20/11/2014.

*Recebido em outubro de 2015  
Aprovado em janeiro de 2016*